

## TRÍPTICOS<sup>1</sup> NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Neila Guimarães Alves<sup>2</sup>

### 1 – Introdução

Entendo que, desde o final do século passado, a problemática ambiental já está posta, quase que consensualmente, como uma questão de fundamental importância para ser resolvida, com urgência, no início deste novo século.

Da mesma forma que a Educação Ambiental (EA) tem sido internacionalmente reconhecida como uma das alternativas necessárias às mudanças imprescindíveis para a sobrevivência da vida no planeta. No entanto,

(...) a educação ambiental é uma proposta que altera profundamente a educação como a conhecemos (...). Trata-se de uma educação que visa não só à utilização racional dos recursos naturais (...), mas basicamente à participação dos cidadãos nas discussões e decisões sobre a questão ambiental (Reigota, 2001, pp. 10 - 11).

Desse modo, entendo que a EA tem como horizonte o desenvolvimento de comportamentos e hábitos cotidianos muito diversos dos hoje praticados. Como também necessita que se estabeleça uma outra ética nas relações sociais, políticas e econômicas, a fim de que sejam geradas condições dignas que permitam satisfazer as necessidades básicas fundamentais dessas e das próximas gerações. Conseqüentemente, tudo isso só pode estar, intrinsecamente, enredado a uma vida saudável para o planeta, para toda a humanidade e demais formas de vida.

Portanto, é necessário que discutamos e nos posicionemos também sobre as relações entre saúde<sup>3</sup>, meio<sup>4</sup> e educação ambiental. Mais do que isso, nós precisamos compreender qual o papel, as possibilidades e a extensão de nossas ações cidadãs, já que a EA "(...) deve se basear no diálogo entre gerações e culturas em busca da tripla cidadania: local, continental e planetária (...)" (Reigota, op. cit., p. 11).

---

<sup>1</sup> Tríptico, s. m. Quadro sobre três panos que se dobram; painel coberto por duas meias portas, cujas faces internas, e às vezes as externas, são trabalhadas como o próprio painel; livrinho de três folhas. (Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Companhia Editora Nacional). Aqui empregarei o termo não só no que se refere às três imagens usadas, mas, como metáfora, às outras duas "trincas", com as quais também trabalhei.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela UERJ; professora-pesquisadora da EPSJV/FIOCRUZ e professora-assistente da Faculdade de Educação da UFF.

<sup>3</sup> Aqui estou incorporando o conceito de saúde cunhada em 1986, na VIII Conferência Nacional de Saúde, que afirma: "Em sentido mais abrangente, **SAÚDE** é o resultado das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra, acesso aos serviços de saúde. É assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção".

<sup>4</sup> Geralmente a expressão usada é meio ambiente, no entanto, eu considero que se trata de um pleonismo, visto que entendo meio exatamente como entendo ambiente, isto é, o espaço físico ocupado pelo ser em questão com suas múltiplas relações, suas ações sobre ele e o modo como esse meio atua sobre o ser.

## **2 – Uma hipótese de trabalho**

Até aqui, tenho a impressão de estar falando apenas sobre o óbvio. O que não tem sido, muitas vezes, óbvio é o que cada um de nós pode e deve fazer para promover essas mudanças.

Entendendo que se a EA é uma das importantes alternativas de promoção de mudança, considero importante que todos atuem se (re)educando e educando o outro, cotidianamente, em todas as oportunidades, espaços e tempos. E que, apesar de não ser o único, a escola é, sem dúvida, um local privilegiado, já que nós educadores contamos, invariavelmente, a cada ano, por curtos ou longos períodos de tempos, com uma nova geração como público cativo – os nossos alunos.

Mas, como devemos atuar, escola e educadores?

Em verdade, não há “fórmulas científicas ou mágicas”, nem um método único a ser seguido, o caminho é construído no próprio percurso, já dizia o poeta Antonio Machado.

Partindo-se da noção de que a EA, como conhecimento, é transdisciplinar, muito acertadamente, ela não ficou configurada como mais uma disciplina escolar. Portanto, não existe um programa específico a ser desenvolvido, mas noções fundamentais, que nem sempre são exatamente científicas. Por vezes, se trata mais de uma questão de bom senso e de sensibilidade.

Logo, a EA também não precisa ter apenas professores especialistas, o importante é que estes tenham vontade política e se dediquem a desenvolver, com seus alunos, um trabalho voltado para reflexões sobre os problemas da atualidade que vêm comprometendo a qualidade de vida no planeta e pondo em risco a sobrevivência da humanidade.

Assim, como hipótese de trabalho, penso que qualquer professor, de qualquer disciplina, pode contribuir para o seu desenvolvimento, em qualquer escola e em todos os níveis de ensino.

Partindo desses pressupostos, há bastante tempo, venho travando, sob variados recortes, diferentes discussões relacionadas à questão ambiental, com alunos de ensino médio e com futuras pedagogas<sup>5</sup>. E venho aprendendo muito.

Este texto busca apresentar um dos caminhos que venho trilhando, no meu cotidiano de sala de aula, inventando, criando e compartilhando com meus alunos o aprender/reaprender esta questão.

## **3 – Uma leitura (possível) de fotos**

Quase sempre busco iniciar a temática ambiental, com os meus alunos, procurando sondar que noções eles trazem sobre Educação Ambiental, Ecologia, Meio Ambiente, Natureza.

Em geral, há uma certa confusão entre os dois primeiros – os alunos, freqüentemente, os consideram como sinônimos, isto é, estudo das relações dos seres vivos com o meio ambiente. O mesmo se dando com os outros dois - meio ambiente e natureza. Nesse caso, a idéia mais corrente é que o meio ambiente é

---

<sup>5</sup> Da Faculdade de Educação, da Universidade Federal Fluminense, tanto em Niterói como em Angra dos Reis.

outro nome dado à natureza, que por sua vez, é formada por animais e vegetais “reunidos” em variadas paisagens.

Com esta turma do Ensino Médio<sup>6</sup> não foi diferente. Após a sondagem introdutória, para problematizar, perguntei o que é, então, a cidade.

A resposta, praticamente unânime, foi que a cidade, sendo obra do homem, não é natural, logo também não é “natureza”, portanto, não é um “meio ambiente”.

Voltei a questionar: “- Vivemos, então, fora de um meio ambiente?”. “É claro que não!”, eles responderam instantaneamente.

Pegos na contradição, os alunos pararam para refletir e reconsiderar o anteriormente dito. Ficou, então, “acordado entre nós” que, para os seres humanos urbanos, a cidade é o meio ambiente, já não importando mais se é natural ou artificialmente construído pelo próprio homem.

Assim, foram dados os primeiros passos para que os alunos começassem a repensar variadas noções, anteriormente, estabelecidas.

Propus, então, irmos a campo, olhar esse “meio ambiente” humano.

É preciso esclarecer que os alunos com os quais desenvolvi esse trabalho estudam em horário de tempo integral – de 8h às 17h – e que, naturalmente, têm muitas outras disciplinas e tarefas durante o dia. Dificilmente conseguimos conciliar um horário para sairmos da escola.

Quanto às minhas alunas<sup>7</sup> da Pedagogia, como todas freqüentam o curso à noite – de 18h/18h30 às 22h/22h30<sup>8</sup> –, como ir a campo nesses horários? Em Angra dos Reis, até tivemos algumas oportunidades, mas em Niterói tem sido mais difícil.

Assim, com essas dificuldades de ordem bem prática, venho propondo usarmos como tática “trazer o campo a nós”.

Trouxemos “o campo” sob a forma de fotos que, havíamos combinado, deveriam mostrar algum aspecto de degradação desse ambiente, à escolha deles. Na utilização desse recurso, é importante levar em consideração que:

*A eleição de um aspecto determinado (...), a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, (...): todos são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo no resultado enquanto filtro cultural* (Kossoy, 2001, p. 42).

Dito de outra forma, as fotografias, feitas pelos alunos, sempre me fornecem pistas para compreender suas visões de mundo e seus conhecimentos, como parte de suas formações culturais mais amplas. Outros alunos, outras fotos são produzidas, revelando também diferentes formas de olhar o mundo.

Assim, partindo de um conjunto de fotografias que os alunos trazem é que vamos “puxando” as questões que conseguíamos “ler”, para trazê-las para o debate.

Para exemplificar, trago o resultado da pesquisa fotográfica de um dos grupos desses alunos do Ensino Médio. Observando a foto 1

<sup>6</sup> Alunos da 2ª série do Ensino Médio da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – FIOCRUZ.

<sup>7</sup> Existem alunos também, mas como a quase totalidade é composta por jovens do sexo feminino, prefiro usar a expressão “minhas alunas”.

<sup>8</sup> O primeiro horário é relativo a Niterói e o segundo a Angra dos Reis.

**Foto 1**



À primeira vista, pudemos perceber tratar-se de uma imagem com enquadramento em close, que nos mostra um monte de lixo, “*deliciosamente saboreado por um cavalo, quase branco*”, segundo os autores<sup>9</sup> da foto. O cavalo foi mais difícil de achar na fotografia. Mas, quando foi localizado, apressadamente, imaginamos que a foto havia sido tirada na periferia da cidade. Já que, por experiências anteriores, comumente associamos “cavalos” ao campo, pois é lá que nosso senso comum os colocam.

Então, nossos fotógrafos resolveram nos surpreender apresentando mais duas fotos com enquadramentos diferentes.

**Foto 2**

Nesta, eles se distanciaram um pouco, o que nos permitiu “recolocar” o cavalo em outro cenário.

Vimos, então, um muro de alvenaria que parece limitar um/uma campo/quadra de



---

<sup>9</sup> Foram cinco rapazes, com idade média de 15 anos, quando cursavam a segunda série do Ensino Médio da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Hoje, eles já são universitários. As fotos foram tiradas em 2002.

futebol, pista que nos é dada pela extremidade superior de uma trave de futebol, observada do lado direito da fotografia, junto a um edifício; algumas árvores; bem no canto esquerdo da foto, um inconfundível táxi amarelo com sua faixa azul escuro – outra pista, devemos estar mesmo na cidade do Rio de Janeiro; e duas senhoras, cada uma voltada para um lado da rua, numa atitude que nos dá a impressão de que esperam algo ou alguém. O pavimento é, aparentemente, de asfalto em bom estado de conservação.

Na terceira e última foto desse nosso “tríptico” imagético, um outro enquadramento nos trouxe novas pistas, acrescentando outras informações, desfazendo também o “mistério” do porquê cada uma das senhoras olhava para um lado diferente.

### **Foto 3**

Vimos, então, uma rua arborizada, larga, asfaltada e limitada por “boas” casas de alvenaria, nos dando a impressão de se tratar de um tranqüilo bairro residencial “bem urbano”. Nesta foto, também foi possível ver um rapaz próximo a uma das senhoras já observada na foto 2, e nos pareceu, então, que essas três pessoas esperavam uma condução, hipótese que nos foi confirmada por nossos fotógrafos.



O “mistério” de porquê a senhora que está sozinha olha para a sua direita e a outra para a esquerda foi solucionado por cópias das fotos feitas em transparências. Estas, ao serem viradas, nos mostraram a senhora que está só olhando não para o lado direito, mas para o esquerdo, como fazemos quando estamos esperando uma condução – elas vêm sempre da esquerda. A outra senhora, na verdade, estava voltada para o lado direito porque conversava com o rapaz. Os negativos das fotos, ao serem copiados em papel, foram invertidos.

Surgiu, então, outra pergunta de uma aluna empolgada pelos detalhes que íamos “desvendando”: — “Ônibus ou van?” Bem, isso não importava. O importante era o caminho que estávamos percorrendo para construirmos, a partir dessas imagens, uma idéia de que algo estava errado.

A conclusão da turma foi de que cavalo e lixo estavam fora de lugar.

### **4 – De como um fio puxa outro**

Ora, se os dois - cavalo e o lixo - estavam fora de lugar, por que estavam aí, onde não deveriam estar? Onde seriam seus lugares corretos? Que implicações poderiam ter esses fatos?

Puxamos, então, nosso segundo “tríptico” – saúde, meio e educação ambiental.

O lixo traz um fedor danado, insetos, ratos e doenças. Daí uma aluna, de um canto da sala, lembra: “- E se vier uma enchente? Esse lixo vai longe. Aí, olha a leptospirose...”. Outro aluno acrescenta: “- E o cavalo? Suas fezes são ótimas para conservação e dispersão do bacilo do tétano”.

Voltando à pergunta anterior: “- Mas onde deveriam estar, lixo e cavalo?” Acrescentei outra: “- Mas por que eles estão aí, ocupando um bom trecho de calçada, obrigando as pessoas a esperarem a condução fora dela e a sentirem aquele cheiro horrível, com o risco de exposição à contaminação de várias doenças?”.

Nessa altura, surgiram os “culpados”.

Para alguns alunos, era a falta de educação da população, que joga o lixo em qualquer lugar; para outros, era o governo que não tem interesse em investir em um serviço de limpeza urbana que resolva esses problemas. O debate se acirrou e foi preciso acalmar os ânimos.

Propus, então, substituir “culpa” por responsabilidade civil e política, e coloquei uma nova questão: “- Que ações governo e população poderiam/deveriam desenvolver para solucionar esses problemas?”.

Depois de muitas idas e vindas, fomos concordando que o governo poderia/deveria assumir sua responsabilidade política e administrar um serviço de limpeza urbana eficiente que não permitisse o acúmulo de lixo em calçadas e que providenciasse para que os *“cavalos perdidos na cidade fossem procurar pasto em outro lugar”* (síntese de uma aluna) e que a população poderia/deveria produzir menos lixo e, aquilo que fosse lixo mesmo, deveria ser acondicionado em melhores condições de higiene. Alguém ainda lembrou que *“as pessoas, além de colaborar com a limpeza, produzindo menos lixo e ensacando-o, também deveriam cobrar do governo o serviço de limpeza da cidade”*.

Daqui, foram extraídas duas questões que nos permitiram novos desdobramentos. Uma delas foi a “produção de menos lixo” e a outra foi a “cidadania”. As duas questões acabaram se embricando em uma só.

A questão do lixo nos remeteu de volta à foto 1 na qual, desviando um pouco a atenção do cavalo, pudemos nos deter mais na natureza daquele lixo. Ali havia muitos vegetais, caixa de ovos, caixotes, enfim, tudo se parecia muito com um resto de feira livre. E voltou a pergunta: “seria mesmo tudo aquilo lixo?” Alguém ainda se lembrou do filme de curta-metragem “A Ilha das Flores”, que já haviam assistido algumas vezes.

Uma aluna tomou a palavra para explicar que, na casa dela, os talos das verduras sempre viram salada ou vão parar na sopa. Para ela, talos no lixo são desperdício de alimentos.

Alimentos desperdiçados significam fome para muitos e foi aqui que a questão da cidadania se inseriu.

Como alguém pode ter sua cidadania respeitada se esse alguém passa fome? A fome é um total desrespeito à cidadania de muitos. Significa, antes de tudo, a negação do direito primeiro de todo cidadão – o direito à vida.

Mas, o que é cidadania? Perguntei eu à turma.

“Eu acho, professora, que é o reconhecimento e o respeito aos direitos e deveres das pessoas” – respondeu uma aluna. E um outro acrescentou: “Então, quem deixa lixo na calçada e cavalo solto na rua não é cidadão, porque não está respeitando os direitos dos outros. É por isso que aquelas pessoas das fotos estão na rua e não na calçada, esperando a condução”.

Então, acrescentei que não bastam reconhecimento e respeito, é preciso que cada um tenha consciência de quais são esses direitos e deveres e que eles devem ser iguais para todos — com o que todos os alunos concordaram. Mas, cidadania não é só isso. É também conhecer/reconhecer os problemas e para eles buscar soluções, é (...) *basicamente a participação dos cidadãos nas discussões e decisões sobre a questão ambiental* (Reigota, 2001, pp. 10 – 11).

Então, perguntei o que a turma achava da seguinte frase, que selecionei na *Carta da Terra*, produzida na Eco-92: “A Terra é uma só nação, e os seres humanos, os seus cidadãos”.

Para dar tempo um tempo de reflexão aos alunos, escrevi a frase no quadro e esperei que eles se pronunciassem.

“O que isso quer dizer, professora?”

Significa que o planeta é um só e a humanidade também. Somos todos habitantes da “mesma casa”. Logo, somos todos cidadãos deste planeta e a divisão em país e nação é arbitrária. Lembrei alguns exemplos recentes de divisão e redivisão do mundo em países e, como exemplo mais conhecido, citei o Tratado de Tordesilhas, que, se tivesse sido respeitado, o Brasil seria bem menor.

O que nos separa dos demais países da América do Sul, dizem, é a língua. No entanto, temos tido um destino bastante comum. Somos, portanto, cidadãos latino-americanos ou sul-americanos, além de sermos cidadãos brasileiros.

Na verdade, se compreendêssemos essa tripla cidadania – nosso terceiro “tríptico” - e esta fosse respeitada, muitas guerras poderiam ser evitadas. Ao contrário, estaríamos todos cuidando uns dos outros fraternamente.

Neste texto, procurei narrar uma pequena parte de um ano inteiro de discussões, leituras, debates e reflexões. Muitas outras fotografias foram igualmente apresentadas, trazendo outros temas para as discussões, em dinâmicas semelhantes.

O resultado só o futuro dirá, com certeza, qual foi.

### **Referências Bibliográficas**

- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 41 v. Coleção Questões da nossa época.